

REAL SOCIEDADE ARQUEOLÓGICA LUSITANA

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

MONUMENTO FUNERÁRIO
POSTO A DESCOBERTO
EM SANTA MARGARIDA DO SADO
(FERREIRA DO ALENTEJO)



SANTIAGO DO CACÉM

1987

Separata
dos
**Anais da Real Sociedade
Arqueológica Lusitana**

(Fundados em 1850)

2.ª Série — Vol. I — 1987

DIRECTOR

JOSÉ ANTONIO FALCAO

SECRETARIO

JORGE M. RODRIGUES FERREIRA

CONSELHO DE REDACÇÃO

ARNALDO ESPIRITO SANTO

PERE FERRE

CARLOS A. CORREIA E LANÇA

FERNANDO A. BAPTISTA PEREIRA

STEPHAN SCHMITT

ADMINISTRADOR

LÍLIA TAVARES

RESPONSÁVEL GRÁFICO

MÁRIO MOREIRA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

*REAL SOCIEDADE
ARQUEOLÓGICA LUSITANA*

P — 7540 SANTIAGO DO CACÉM (Portugal)

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

SILVAS, C. T. G.

ISSN 0870-7766

Depósito legal n.º 19236

MONUMENTO FUNERÁRIO POSTO A DESCOBERTO
EM SANTA MARGARIDA DO SADO
(FERREIRA DO ALENTEJO) *

JOSE D'ENCARNAÇÃO

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

(*) Texto publicado no *Diário do Alentejo*, LIV, 2.ª Série, 212, Beja, 16 de Maio de 1986, p. 12, e aqui reproduzido, com leves alterações, por especial deferência do seu autor.

De há muito se sabia da existência, a servir de degrau na ermida de Santa Margarida do Sado, de um monumento funerário romano.

Assim, José Leite de Vasconcellos, ao fazer, nos começos do século, uma «Excursão arqueológica à Extremadura Trans-tagana», passou por Santa Margarida do Sado. Dessa «excursão» apresentou circunstanciado relatório na revista *O Archeologo Portuguez* (volume XIX, Lisboa, 1914, pp. 300-325), onde refere a este propósito:

«Os degraus da igreja são constituídos por três mármores, o mais baixo dos quais é também uma sepultura cupiforme; todavia, se esta tem inscrição, está na face que assenta no chão, e por isso não se vê» (p. 313).

Leite de Vasconcellos designa-a por «sepultura cupiforme»: não é propriamente uma «sepultura» mas sim a tampa, feita em pedra, destinada a cobrir uma sepultura; «cupiforme» significa «em forma de cupa» ou pipa — e, de facto, é esse o aspecto do monumento, como o é o de muitos outros da região de Beja.

A importância de Santa Margarida na época romana

De Santa Margarida do Sado se conheciam já dois epitáfios do tempo dos Romanos.

Um foi gravado numa outra cupa, que Leite de Vasconcellos refere no citado artigo e da qual chegou a dizer «veio depois

para o Museu Etnológico», mas que, afinal, por vontade da população, ainda hoje se encontra metida no cunhal esquerdo da ermida, com a inscrição para fora. Memora-se nele Múmia Martioli, uma senhora romana que morreu com sessenta e cinco anos de idade (1).

O segundo epitáfio foi inscrito num altar funerário, destinado também a ser colocado sobre a sepultura de um romano, que morreu aos setenta anos. O monumento, esse sim, foi oferecido a Leite de Vasconcellos que o trouxe para o seu museu de Lisboa (hoje, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia), onde se guarda (Número de inventário: E 5013). Mas a inscrição está muito gasta, de forma que não se consegue ver bem a que família pertenceria o defunto. É possível que pertencesse também à família Múmia, que teria sido importante naquela região, se considerarmos a existência de várias inscrições em sua honra (2).

De resto, o local onde hoje se situa Santa Margarida do Sado deve ter desempenhado um papel de relevo durante a ocupação romana. Actualmente, ainda se vêem pelo chão pedaços de escória e o conhecido arqueólogo Abel Viana chegou mesmo a sugerir que aí existiu, ao tempo dos Romanos, uma estação «para tratamento de minério e embarque no Sado, que nessa época bem podia ter sido navegável até aí» (3). E o Prof. Jorge de Alarcão, da Universidade de Coimbra, ao referir que, nalguns casos, o proprietário rural do Alentejo romano foi ao mesmo tempo concessionário de minas, cuja fundição instalaria na sua herdade, dá o exemplo de Santa Margarida do Sado, opinando que

(1) Cfr. JOSÉ D'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, pp. 406-407.

(2) Cfr. JOSÉ D'ENCARNAÇÃO, *op. cit.*, pp. 412-413.

(3) Citação retirada de uma das suas «Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo», que publicou no *Arquivo de Beja*, XII, Beja, 1955, p. 35.

os fornos romanos aí identificados «podem bem ter servido à fundição de minério trazido das minas da Caveira» (*Conimbriga*, XV, Coimbra, 1976, p. 20).

A remoção do monumento

Interessava-nos, pois, remover a peça, a fim de se verificar se tinha ou não inscrição no dorso que estava enterrado.

Obtidas as necessárias autorizações do Sr. Bispo de Beja e com o total apoio da Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo, cujo presidente, José João Guerreiro, de pronto colocou à nossa disposição uma equipa de quatro trabalhadores, a remoção do «degrau» foi feita na manhã de 12 de Fevereiro de 1986, estando presentes também o prior de Ferreira, P.^e José de Alcobia (responsável pelo templo) e António José Morgado (representante da população de Santa Margarida do Sado na Assembleia de Freguesia de Figueira de Cavaleiros).

Afinal, o monumento não tinha qualquer inscrição, o que, longe de nos desanimar — porque esperávamos encontrar, quiçá, mais um testemunho da família romana Múmia —, veio dar ainda maior importância ao local.

De facto, a existência aí de um monumento sem inscrição prova que, ao tempo dos Romanos, funcionava nas imediações uma oficina onde se preparavam estes monumentos, tal como na actualidade existem, aqui e acolá, os canteiros que preparam as lousas para as campas dos cemitérios. Ora, essas oficinas de canteiros ainda hoje só existem onde há uma clientela suficientemente grande que o justifique. Ou seja, dizendo por outras palavras, um canteiro não abre uma oficina num sítio onde saiba de antemão que não vai ter grande clientela. Abre-a, sim, numa povoação que seja importante num raio de vários quilómetros, abrangendo mesmo outras povoações menores. Transpondo, portanto, este raciocínio para a época romana, o facto de se ter achado em Santa Margarida do Sado um monumento

sem inscrição significa que ele aguardava, na oficina, que um freguês o viesse encomendar e ditasse, depois, ao canteiro o texto que lá queria mandar gravar em honra do ente querido que lhe falecera. Só que esse freguês não chegou. Por consequência, a povoação romana que, séculos depois, veio a transformar-se na actual Santa Margarida — e cujo nome por enquanto desconhecemos — era, realmente, tudo o leva a crer, o centro da vida da região.

As fantasias de André de Resende

Não admira, pois, que o humanista André de Resende, que escreveu no século XVI uma obra sobre as antiguidades da Lusitânia, tenha querido localizar em Santa Margarida do Sado o achamento de duas outras inscrições romanas que, hoje, e enquanto não houver provas em contrário, são pelos historiadores consideradas falsas, ou seja, inventadas por aquele escritor quinhentista.

Refere-se uma ao pretenso templo que Flávia Modestina, mulher do centurião Sérgio Terêncio Emiliano, aí edificara em honra da deusa Fortuna, a Propiciadora⁽⁴⁾. Na opinião de André de Resende, confirmada por uma outra inscrição que ele também forjou⁽⁵⁾, o dito centurião teria servido nas hostes do cônsul Lúcio Postúmio Albino, vencedor dos Lusitanos no ano 178 antes de Cristo, e escolhera para local de repouso, depois das lides bélicas, a casa de campo que a esposa herdara do pai, Flávio Modesto, natural de Salácia (Alcácer do Sal). Aí viria a morrer, com setenta anos, e Modestina, sacerdotisa perpétua de Fortuna, teria mandado erigir, piedosamente, o epitáfio do marido «digno de todo o merecimento». Aqui estamos, porém, no

(4) ANDRÉ DE RESENDE, *De Antiquitatibus Lusitaniae*, Livro IV, edição de 1592, pp. 242-243; CIL II 6*.

(5) ANDRÉ DE RESENDE, *op. cit.*, p. 244; CIL II 7*.

domínio da fantasia histórica tão ao gosto dos sábios humanistas — embora não nos repugne pensar que André de Resende se tenha inspirado, para forjar este último, no atrás referido epitáfio quase ilegível oferecido a Leite de Vasconcellos, uma vez que há coincidências no formulário (fórmulas inicial e final), na idade do falecimento, na dificuldade da leitura e se aproxima o número de linhas (oito num, nove no outro).

Um monumento imponente

E, finalmente, não precisamos de forjar documentos para provar a importância deste sítio. Atestam-na as duas inscrições autênticas que acima referimos e, agora, esta imponente cupa.

O monumento ora inteiramente posto a descoberto é em mármore acinzentado proveniente das pedreiras de Trigaches. Mede 56 centímetros de altura máxima, 1,37 metros de comprimento e 55 centímetros de diâmetro nos topos. Estão representados no dorso, por meio de sulcos paralelos, quatro pares dos aros que, nas pipas, seguram as aduelas. O soco, que assentaria na caixa da sepultura propriamente dita, tem 67 centímetros de largura total e, apenas, 14 centímetros de altura. Os topos apresentam gravada uma circunferência junto à periferia, contendo dois arcos de círculo não tangentes, dispostos simetricamente em relação a um eixo vertical.

Em determinada época, talvez nos começos da Idade Média ou mesmo ainda durante a ocupação romana — em todo o caso, numa altura em que a necessidade material superou o respeito pelo significado religioso destes monumentos —, a peça foi utilizada como peso de lagar, conforme documentam os entalhes e a «cova» que se vêem num dos topos. Na «cova», central, assentava uma trave giratória do engenho, designadamente do sarilho; no entalhe lateral, em forma de cauda de andorinha, encaixava-se um grosso queixal de madeira perfurado — por onde passava

o rolo horizontal que prendia a corda do maquinismo — ou seja, uma das ilhargas do cabrestante ⁽⁶⁾.

Dada a sua importância mesmo sem inscrição, não interessava, obviamente, que a pedra voltasse a ficar enterrada para, de novo, servir de degrau. Assim, a sugestão nossa, prontamente aceite pelo prior de Ferreira do Alentejo e pelo presidente do Município, os trabalhadores camarários refizeram os degraus — guardou-se também a mó de pedra, que tem interesse etnográfico — e a cupa foi colocada sobre adequada peanha, na sua posição normal, do lado direito da fachada do templo, abrigada pelo muro do cemitério anexo. Ali ficou, pois, mais um testemunho do passado histórico de Santa Margarida do Sado — lembrando às suas gentes que é também na preservação das coisas antigas, do seu património cultural, que melhor se constrói o amanhã.

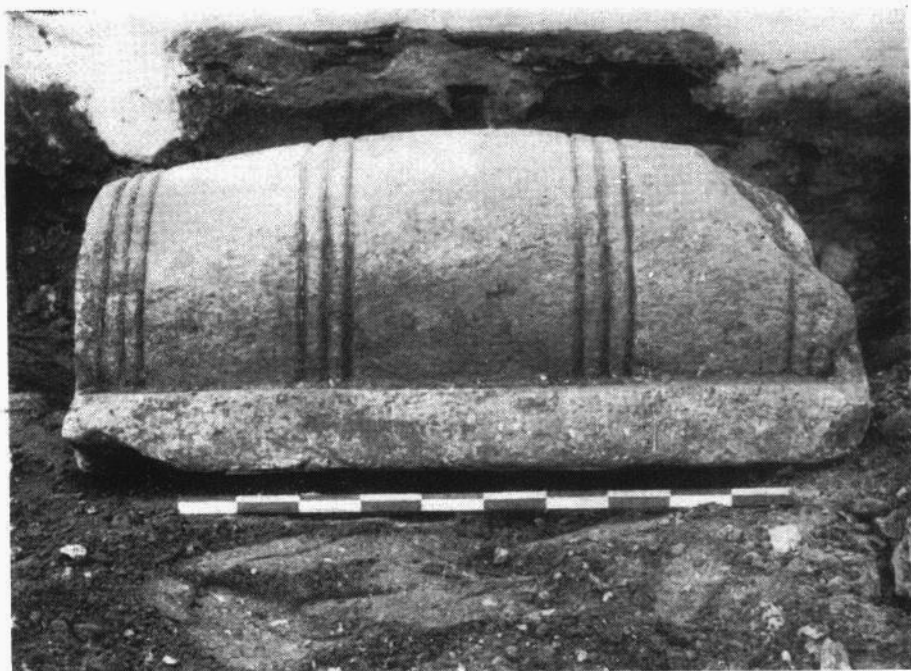
⁽⁶⁾ V. descrição mais pormenorizada no artigo de JORGE DE ALARÇÃO, «Um Lagar de Azeite na Antiguidade», em *História*, V, Lisboa, Março de 1979, pp. 45-52, nomeadamente na p. 50.



O monumento, a servir de degrau, como há muitos anos se encontrava.

(Fotografia de Guilherme Cardoso).

ESTAMPA II



O monumento, na sua totalidade, depois de removido.

(Fotografia de Guilherme Cardoso).